

Confissão a um amigo

Francisco Neto Pereira Pinto¹

- Por que não liguei? Bem sabes que em alguns aspectos sou incorrigivelmente à moda antiga. Imagino que estejas sorrindo e me repetindo bobo, bobo; afinal, como é bem ao seu tipo, diria que é coisa trivial um telefonema à meia noite e que amigo é mesmo para essas coisas. Mas como vais perceber, trata-se apenas de um rápido pensamento nostálgico, talvez resultado de uma nuvem escura que toma todo o céu sobre esse singelo empório enquanto tomo Chianti e ouço *João-de-barro*, do Marcelo Camelo. Lembra-se de minha história envolvendo essa música? Pois é, estava chovendo e eu e meu bem estávamos a caminho de Goiânia quando a ouvimos pela primeira vez...

Você sabe tanto de mim, amigo! Mas como diria Vinicius de Moraes, vou falar baixo e pouco para não acordar sua esposa, que deve está cansada do dia de trabalho e ansiosa de toda tua atenção. Porém trinta anos produz esse efeito em espíritos sensíveis como o meu, instila divagações metafísicas, e se estou dando voltas para ir ao ponto, não é por maldade, por favor, não me censure. A noite aqui está fria e a rua calma, poucos carros passam por aqui. O vento rápido e constante está também pesado, quando toca a pele, dói. O papel da agenda, na qual te escrevo estas palavras, já está úmido, o que me impõe a necessidade de escrever leve e com cuidado. Acho que retomo outro dia...

E se outro dia não houver? Morrerei sem dizê-lo? Um investimento que só prospera, cujas cifras traduzem-se nos edificantes gestos quando já incrédulo de mim mesmo: o abraço inesperado, o olhar calmo, a palavra jeitosa, o ouvido atento...posso te formular um versinho? Preciso pagar a conta, só resta a mim aqui sentado e os atendentes fuzilam-me com olhares densos e suplicantes. Não os porei à prova. O versinho então:

Amigo

Que sacrifício!

Mas penso às vezes que ainda é pequeno este coração para cabê-lo

¹ Mestrando em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína.